

A questão da tradução da LIBRAS para o Português

Prof. Marco Antônio Arriens*

Introdução

Traduzir de sinais para voz é, provavelmente, o maior desafio para os intérpretes das linguagens de sinais. São muitos os conhecimentos e domínios necessários para que aconteça uma boa, coerente e real tradução. Em diversos países temos muitos intérpretes *leitores de sinais*, porém, não tradutores. *Produzir* sinais (no geral) é muito mais fácil que *ler* sinais, até mesmo porque nós (ouvintes) temos o hábito de ouvir uma língua e não de vê-la.

Diante de uma grande platéia ouvinte (não sinalizadora), maior será a admiração por ver o intérprete sinalizando do que traduzindo. A crítica ao intérprete que atua como *sinalizador* poderá vir do público surdo presente – porém, em geral, os surdos são (não deveriam ser) bem mais passivos ou até mesmo flexíveis. A platéia ouvinte, nesse caso, por ser leiga, não tem como criticar...

Entretanto, o contrário é muito diferente e bem mais complexo. Os surdos estão em *situação acrítica* durante o processo de tradução, e os ouvintes não. Por estarem totalmente conectados e até dependentes da fala do tradutor-intérprete, eles se posicionam de forma ativa em relação ao orador.

A *corporeidade vocal* (ou não) será forte determinante para a interação (ou não) com essa platéia, bem como sobre a visão que terão desse indivíduo que está sendo traduzido.

Atualmente (e de forma crescente), os surdos têm protagonizado mais e mais sua própria história, e a demanda por bons intérpretes-tradutores tem aumentado dia a dia. Como sujeitos de sua história, os surdos têm se apresentado com maior frequência como palestrantes em congressos (de surdos ou não), escolas, empresas etc., e os ouvintes tradutores têm sido com mais incidência co-responsáveis para eliminar as barreiras de comunicação e romper paradigmas sociais sobre quem são esses cidadãos surdos.

Mais do que *apoio técnico* (oralidade, letramento, inclusão, protetização etc.) que os surdos têm recebido da comunidade ouvinte durante anos, eles têm solicitado, mais e mais, *apoio humano* por meio de tradutores-intérpretes que, literalmente, atuam como *porta-vozes de suas falas e/ou embaixadores orais de suas idéias* junto à comunidade ouvinte leiga.

Cada vez mais, como direito à cidadania plena e protagonismo de sua própria história, a comunidade surda tem discursado *ao-vivo-e-em-cores*, ante aos olhos dos que, voluntária ou involuntariamente, não teriam acesso às suas “falas”, se não fosse

*Intérprete Internacional

pela mediação de um intérprete-tradutor. Esses intérpretes têm apoiado os surdos na sua inclusão plena e igualdade de direitos junto à sociedade majoritária.

Toda a tecnologia e técnicas para desenvolver a oralidade dos surdos jamais poderão substituir a necessidade e o direito que os surdos têm de se expressar em sua própria língua materna (no caso, a LIBRAS) e serem compreendidos por todos, acima de tudo, pela sociedade majoritária que não sabe Língua de Sinais.

O surdo não tem obrigação de narrar-se em LIBRAS como se fosse um ouvinte, com a estrutura gramatical do português. O seu discurso em LIBRAS é o seu próprio ato de pensar, que é muito mais que um acontecimento cerebral. É um ato que ocorre a um montante de símbolos (icônicos ou arbitrários), de pensamento imagético e, conseqüentemente, imagens visuais, experiências “auditivas”, gustativas, táteis, olfativas, sinestésicas e proprioceptivas que estão “transitando” neste discurso; os objetos em experiência sobre os quais os surdos imprimiram significado – sua cosmovisão.

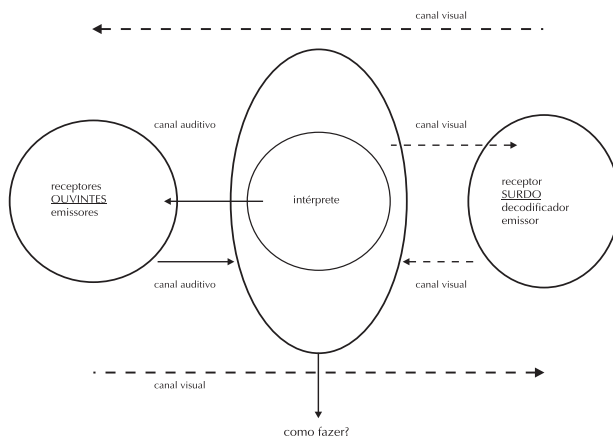
Dessa forma, os surdos atuarão com uma cidadania mais participativa e igualitária, valendo-se dos seus direitos não somente de *pertencer, mas de ser*, de tomar decisões, da autonomia, de celebração das diferenças, da valorização da diversidade humana, do aprendizado cooperativo, da equiparação de oportunidades, da solidariedade humana, da independência, do *empowerment*, da autodeterminação, da rejeição zero e da cidadania plena com qualidade de vida.

Como vemos, para a grande maioria dos surdos, o papel do (bom) intérprete-tradutor é fundamental (em alguns casos indispensáveis) para que o indivíduo surdo seja realmente o principal protagonista de sua própria história.

Preliminares para a (boa) tradução

A tradução LIBRAS – Língua Portuguesa é muito mais que apenas um processo de recepção/transmissão de uma língua para outra. O intérprete-tradutor é (ao menos deveria ser) um participante ativo nesse *setting* de comunicação. Seu amplo conhecimento social e lingüístico influenciará imensamente na qualidade dessa tradução. Como uma ponte entre duas culturas, ele precisa de grande conhecimento teórico-prático das culturas envolvidas nessa interação lingüística.

Gráfico 1



São quatro (4) atividades exigidas na tradução:

VER em uma língua



**Não somente FALAR,
mas falar e se FAZER COM-
PREENDER**



**Mas não somente
VER, mas VER e COM-
PREENDER**



FALAR na outra



Traduzindo significados

Podemos realizar o que chamamos de uma *boa leitura de sinais* (dos significantes), uma vez que a língua de sinais em si mesma pode vir de nosso léxico mental já memorizado, entretanto, os *significados* lingüísticos emergem muito mais de um *conhecimento não-verbal* aliado a esse conhecimento formal.

Traduzir é muito mais do que enviar falas de A para B. Recebemos informações que são (re)constructos de idéias de A e as convertemos em nossa própria representação mental para B – a cosmovisão do outro de encontrar com nossa particular cosmovisão, que, ali, se fundem e se respeitam: é a própria capacidade de *autopoiesis* do intérprete. Linguagem e conceitos são inseparáveis.

Traduzir é o ato de entendermos as intenções, significados, fenômenos paralingüísticos, etc para expressá-los em nossas próprias palavras. É passar *os sentidos desse discurso* e não palavras isoladas desprovidas de seus significados contextuais, é compreender esses fenômenos extras ou paralingüísticos, além dos complementos cognitivos adicionados a esse discurso.

As sentenças traduzidas isoladamente podem trazer ambigüidades tais como:

Ambigüidade estrutural – Ex.: *Ele falou que a gasolina pode explodir.*

Ambigüidade estrutural profunda – Ex.: *O frango está pronto para comer.*

Ambigüidade semântica – Ex.: *Maria quer se casar à francesa.*

Ambigüidade pragmática – Ex.: *Ele deixou o prato na mesa e quebrou.*

Vemos, então, que traduzir sinais orais, acima de tudo, evidencia que necessitamos de muitos conhecimentos extralingüísticos na tarefa de entender essas “falas” repletas de informações não-verbais, muito mais do que fazer a transposição de uma percepção visual para uma expressão verbal – é, também, a percepção do **discurso não-sinalizado** do outro.

O entendimento humano de sentenças isoladas evoca apenas parte do conhecimento de quem está ouvindo. “Embebido” do contexto, os eventos discursivos evocam muito mais nossos conhecimentos internalizados.

Enfim, essa percepção não-verbal, aliada à memória não-verbal do intérprete-tradutor e da platéia, não é somente a base de uma boa tradução, mas a chave do entendimento do como adquirir conhecimento e colocar luz sobre a natureza dos pensamentos e o porquê da fala do sinalizador.

Três grandes tipos de tradução

Tradução espontânea: é a própria performance do sinalizador, improvisada e que não sem preparação prévia. O intérprete-tradutor não teve tempo algum para ver o texto ou a “fala” do sinalizador. Alguns exemplos disso são palestras não programadas, consultas médicas, entrevista para emprego, situações jurídicas, orientações e procedimentos em uma empresa etc. (inclusive, nessas situações, o intérprete executa função dupla e simultânea, o que torna tudo muito mais difícil).

Somente a experiência e a práxis é que facilitarão cada vez mais a atuação como intérprete-tradutor nessas situações específicas, uma vez que não há como prever o que acontecerá em cada caso.

Tradução fixa: são traduções de textos/“falas” já conhecidas como a oração do Pai-Nosso, textos escritos conhecidos, poesias da cultura ouvinte adaptadas para LIBRAS, textos do Estatuto dos Direitos Humanos, Estatuto dos Direitos da Criança, leis, documentos oficiais, atas, peças teatrais com textos de falas decoradas etc. Nessas situações, provavelmente, o intérprete-tradutor terá *in loco* o material a ser traduzido.

Entretanto, cuidado: ainda que o(s) texto(s) seja(m) o(s) mesmo (o), cada sinalizador imprimirá seu registro lingüístico personalizado, seu ritmo, sua poesia, sua personalidade, inclusive podendo ser diferente em comparação à última vez em que ele mesmo sinalizou esse mesmo texto – dificilmente falamos a mesma coisa da mesma forma duas vezes!

Importante: em situações judiciais, médicas, psicológicas, anamneses, entrevistas para emprego e outras semelhantes, a má tradução influenciará profundamente na compreensão e no andamento dos processos. Ex.: as traduções feitas nas provas para intérpretes.

Tradução preparada: é a situação considerada ideal para uma boa tradução porque o intérprete terá condições de se preparar com antecedência. A quantidade dessa preparação varia de acordo com o que cada situação requer, podendo ser breve ou extensa. Veja a seguir alguns exemplos em que a preparação se faz importante.

Defesas de teses, apresentação de TCCs, monografias, palestras científicas etc. devem ser lidas e estudadas com muita antecedência

Apresentações de peças teatrais: os tradutores devem participar de todos os ensaios porque serão “co-atores” durante toda a encenação

Palestrantes de cidades diferentes das cidades dos tradutores, ainda que enviem textos com antecedência, devem estudar juntos pois há sinais específicos que são diferentes para cada região do país

É importante enfatizar que o intérprete-tradutor deve estar aberto e preparado para mudanças espontâneas do sinalizador, mesmo dentro da proposta tradução preparada, tais como: ilustrações que surgem na hora, pequenas dramatizações, novas anáforas, acréscimo de novas idéias, sinais, personagens, linha de pensamento, novas ênfases e entonações etc., além do fator nervosismo do palestrante, que também poderá alterar a sua “fala”.

Antecipando o tipo de audiência – os diferentes *settings*

Outra dimensão a ser reconhecida pelo tradutor-intérprete é o número de participantes e o tipo de atividade comunicativa necessária para cada audiência específica: se a tradução será feita um a um, em grupos pequenos, médios ou grandes. Cada *setting* determinará a forma de traduzir, de se posicionar fisicamente e os aparatos necessários para que a comunicação aconteça de forma excelente e bem contextualizada – o uso (ou não) de microfones, de caixas de som potentes (ou não), de “contra-intérpretes” (preferencialmente surdos) ou não, e até mesmo do apoio de outros intérpretes. Ex.: minha experiência com Add no Congresso Mundial de Surdos na Estônia.

Análise de Discurso

Segundo Houaiss, discurso é “uma série de enunciados significativos que expressam formalmente a maneira de pensar, agir e/ou as circunstâncias identificadas com um certo assunto, meio ou grupo” (2001:1054). As frases e as palavras adquirem significados diferentes, dependendo dos contextos e das pessoas que estão envolvidas nesse ato discursivo.

O intérprete-tradutor deve levar em conta que as convenções sociais levam a objetivos discursivos específicos, assim como as convenções interativas, linguísticas e também os estilos conversacionais utilizados. Vejamos alguns modelos de discursos que podem ser utilizados pelos sinalizadores e que precisam ser reconhecidos pelos intérpretes, para que haja uma tradução coerente ao proposto:

Discurso Explicativo: objetiva tornar claras e/ou inteligíveis as informações em um determinado contexto (ambíguo ou obscuro), interpretando o seu sentido.

Discurso Conversacional: é a troca de mensagens entre dois ou mais usuários, existentes ou não – muito utilizados nos processos anafóricos. Necessita de excelente capacitação do intérprete para assumir diferentes corporeidades em um único *setting* de tradução.

Discurso Narrativo: é a exposição de um ou mais acontecimentos, ordenados ou não cronologicamente, encadeados ou não, reais ou imaginários. Requer excelente percepção visual e organização mental do intérprete.

Discurso Procedural: é quando o sinalizador tenciona mostrar como se deve agir frente a uma determinada atividade ou manipulação de algum objeto, técnica, processo ou método. Exige algum conhecimento prévio do intérprete na área específica.

Discurso Argumentativo: objetiva oferecer recursos lógicos com exemplos para levar à audiência a aceitação de alguma tese ou idéia – também requer algum conhecimento prévio por parte do intérprete-tradutor.

Discurso Persuasivo: próximo ao estilo do argumentativo, esse discurso tenciona levar à aceitação ou à decisão a respeito de algo, inclusive influenciando na mudança de disposição e atitudes.

Discurso Alternativo: tenciona mostrar seu pressuposto, idéias, pontos de vista utilizando um vocabulário próprio, identificando grupos específicos. Requer do intérprete conhecimento sociocultural prévio.

Discurso de Aparato: é um discurso realizado de acordo com as regras clássicas do gênero epidíctico (ou demonstrativo), que se pronuncia em uma reunião solene e que se utiliza de recursos estilísticos em abundância. Exige uma riqueza de vocabulário por parte do tradutor.

Discurso Direto: aqui o narrador tenciona dar contemporaneidade a um fato, “reproduzindo as palavras de alguém e conservando a sua forma de expressão – pronomes, tempos verbais, referências, lugar, tempo, circunstâncias etc.” (Houaiss). Requer do intérprete-tradutor grande corporeidade de diferentes personagens e/ou tipos.

Discurso Indireto: nesse discurso, o orador faz citações de palavras ou frases de uma outra pessoa ao seu próprio discurso, inclusive transformando essas palavras.

Discurso Indireto Aparente/Livre: é a própria construção híbrida da narrativa, valendo-se do discurso direto e indireto – ocorre muito em pregações em igrejas, em que vários textos bíblicos e personagens são citados.

Discurso Não-Verbal: é um dos discursos mais utilizados pelos surdos, e mais importantes a serem percebidos e reconhecidos pelo intérprete-tradutor, porque utiliza de outros meios além dos sinais, quais sejam: mímica, pantomima, construção táctil, construção ideária, gestos naturais, expressão corpóreo-facial etc.

Quanto às intenções discursivas ainda pode haver:

Discurso Espontâneo: alguns surdos apresentam comportamentos discursivos que têm revelado pouca experiência com as regras do discurso. A criança ouvinte, desde cedo, é exposta à “ordem do discurso”, e o ouvinte, interlocutor adulto, apóia para que essa linguagem infantil flua, e lhe dá forma, valendo-se, para isso, de situações lingüísticas coercitivas, provocativas e de outros comportamentos discursivos.

Tudo isso leva as crianças a identificarem o como, quanto, o quê e a quem vão narrar, distinguindo, assim, as funções de diferentes tipos de discursos e as situações específicas para utilizá-los.

Segundo Foucault, “um dos mecanismos de controle do discurso é a proibição: sabe-se que não se pode falar tudo, nem de tudo em qualquer circunstância, não importa a quem” (*apud* BOTELHO, 1998:63).

A atitude de franqueza excessiva de alguns surdos revela que, em alguns momentos, há pouca compreensão de algumas regras sociais do discurso, o que pode colocar o intérprete-tradutor em situações desafiadoras do **como fazer**.

Ex.: a tradução do noivado em Curitiba e a tradução da “fala” do surdo extremamente expressiva na hora de ganhar a vaga de trabalho.

Discurso Incompatível: refere-se aos discursos que são incompatíveis, que se assemelham às narrativas infantis, às vezes por não reconhecerem o nível intelectual da platéia a que se dirigem. A tradução aqui requer muito cuidado porque ela será responsável pelo modo como esse sujeito será recebido no grupo. A tradução infantilizada às vezes pode ser feita pelo próprio intérprete-tradutor que tem um vocabulário pobre e até mesmo com pronúncia errada de palavras – isso também prejudicará muito esse surdo perante a audiência a que se dirige.

Discurso Lacônico: discursos extremamente breves, sintéticos em contextos em que se requer um discurso mais elaborado. Há falta de sinais que criem um contexto para que o entendimento chegue até a audiência. Falta da habilidade discursiva de descrever, detalhar para que haja maior interação discursiva. Ex.: a noiva que dirige lindas palavras ao seu noivo surdo e o intérprete-tradutor, por sua vez, sinalizou: VOCÊ ESPECIAL.

Discurso Prolixo: contrário ao anterior, na busca excessiva de detalhes, o intérprete-tradutor divaga e foge do objetivo principal da sua narrativa, podendo levar a audiência à dispersão, por produzir uma tradução cansativa e, em alguns casos, confusa.

Algumas diferenças fundamentais entre Português e LIBRAS, a serem consideradas na tradução

LIBRAS	TRADUÇÃO ORAL
1. Modalidade espaço-visual	1. Modalidade oral-auditiva: diferenças nas velocidades, importância do lag-time para uma tradução consecutiva.
2. Sintaxe espacial, utilizando classificadores-tridimensionais	2. Sintaxe linear e, para apreender o uso de classificadores, utiliza a descrição unidimensional.
3. Estrutura tópico – comentário (muito utilizada)	3. A construção no Português geralmente não se faz dessa forma.
4. Referências anafóricas espaciais	4. Necessidade de extrema atenção para percepção e tradução correta dessas anáforas.
5. Diferentes formas de fazer a marcação de gênero e número. Muita utilização de classificadores nos quantificadores.	5. Percepção dos contextos, quantificadores e afixos.
6. Expressões corpóreo-faciais com valor gramatical	6. Entonações de voz e uso da prosódia.
7. Construções gramaticais diferentes	7. Transposição para S.V.O., através da tradução consecutiva(impossível ser simultânea), com uso obrigatório do lag-time.
8. Utilização constante e, em alguns casos, rápida do alfabeto manual	8. Sugestão prática: oralização(sem voz) da palavra para captar, de imediato, significante e significado.Ex.: a leitura da palavra LULA.
9. Estratégias de adequação à situação. Uso da linguagem: gírias, dialetos, idiossincrasias, etc	9.Profunda convivência com os surdos e amplo conhecimento cultural e do público ao qual se está traduzindo. Também requer conhecimento das Estratégias de Polidez em LIBRAS.
10. Uso de Elipses*	10. Estar extremamente atento ao contexto lingüístico ou à situação e fazer dedução por <i>default</i> .

11. Incorporação de funções gramaticais dentro do próprio sinal, verbos com incorporação de preposição e sujeito	11. Dedução por <i>default</i> .
12. Não uso de conectores explícitos de sentença	12. Dedução por <i>default</i> .
13. Uso de metáforas	13. Buscar os correspondentes sintático-semânticos.
14. Marcação de tempo e aspecto bem diferenciados	14. Amplo conhecimento da gramática da LIBRAS, seus aspectos sintático-semânticos, pragmáticos, lexicais, etc.
15. X-tempo: muito veloz	15. X-Y-tempo: às vezes, a velocidade da fala não alcança o tempo de realização dos sinais.
16. Enunciados, em geral, mais sucintos	16. Enunciados mais extensos para buscar os equivalentes semânticos da LIBRAS para o Português.

*Num enunciado, trata-se da supressão de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto lingüístico ou pela situação. Ex.: “meu livro não está aqui, [ele] sumiu!”.

Três grandes mitos e/ou equívocos sobre o Intérprete-Tradutor

Há mais de cinco anos participo das bancas de aprovação de professores-intérpretes da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, juntamente com a FENEIS/Paraná. Após avaliar mais de 700 professores e formar mais de 4 mil alunos(mais de 15 anos treinando) em minhas oficinas em diferentes países, tenho concluído que existem grandes equívocos em relação aos intérpretes e à tradução, dos quais cito os três mais importantes:

- Que os ouvintes que sabem LIBRAS (até em nível avançado), são bons tradutores;
- Que os professores de surdos, usuários da LIBRAS, são bons tradutores;
- E que os filhos de surdos são bons tradutores.

E por que não? Além de uma série de fatores, sabemos que são três situações distintas que requerem níveis de competência específicos nem sempre desenvolvidos por essas pessoas. Em vista dessa pesquisa *in loco*, cito a seguir as maiores dificuldades percebidas nos intérpretes-tradutores.

Dificuldades na tradução a serem adaptadas, superadas e/ou corrigidas

Distraidores quirêmicos do sinalizador. Ex.: a palestra que traduzi no Congresso de surdos, no Paraná.

Configurações de mãos malfeitas.

Iluminação do sinalizador muito comprometida.

Português sinalizado com oralidade e/ou pidgin.

Pontos de Articulação (locações) mal definidos.

Orientação de mãos equivocadas.

Movimentos de mãos e corporais (anáforas) confusos.

Compreensão(ou não) das **implicaturas**, ou seja, coisas que são subentendidas nas entrelinhas, incluindo significados que não foram ditos explicitamente.

Vozes passiva e ativa dos verbos.

Estabelecimento do **Common Ground**: a transição de conceitos conhecidos de uma cultura em outra cultura.

Uso de **polissemias** (mesmo sinal, diferentes significados) – necessidade do *lag-time* para fazer a escolha lexical correta e contextual.

Uso de **tautologias** (sinais diferentes para uma mesma idéia) – necessidade de conhecer as variantes para o mesmo significado.

Necessidade do uso da **memória semântica in loco** – o que aprendemos e que conectam informações. Ex.: *descrição de campos semânticos, protótipo “aves”*.

Ter que escolher, às vezes de forma intuitiva, qual **nível de tradução** será utilizado de acordo com o sinalizador e o público a que está se dirigindo. Perceber o nível cognitivo do surdo e traduzir, conforme o nível que ele tem, nem menos, nem mais.

Ter muito cuidado para não confundir os **pares mínimos** em sinais. Ex.: Bahia/sentir; verdade/inimigo; azar/perdão,desculpa etc.

Relação entre os **pontos anafóricos** estabelecidos no espaço, nos verbos com concordância, as pronominações, os referentes associados com a localização no espaço – após introduzidos no espaço, eles podem ser referenciados apenas com a utilização da dêixis.

Leitura correta dos **classificadores**, principalmente os descritivos, os locativos, os semânticos, os de instrumento, de plural e os de elemento. Ex.: a troca de “rosas”por “antena parabólica”.

Interpretação correta das **relações estabelecidas** no texto, tais como:

Relação de **condicionalidade**

Relação de **finalidade**

Relação de **conformidade**

Relação de **oposição**

Relação de **comparação**

Relação de **flexão recíproca**

Existem outros aspectos, mas, normalmente, esses são os mais cometidos por muitos intérpretes-tradutores.

Tradução literal, palavra por palavra, por meio da tradução **simultânea**.

Não-**conhecimento/domínio do assunto** que está sendo tratado.

Sinalizador e intérprete-tradutor de diferentes cidades – os **regionalismos** da LIBRAS.

Fluência na LIBRAS por ambos. Do ponto de vista do intérprete-tradutor que não domina os aspectos gramaticais da LIBRAS, acontecem muitos erros nas **escolhas lexicais** e nas decisões quanto **aos significados das palavras**.

Qualidade de voz, articulação e entonação do intérprete-tradutor. Ex.: a peça de teatro a que assisti na Áustria por ocasião do Congresso Mundial de Surdos.

Capacidade de **manter-se neutro** durante o processo de tradução.

Riqueza de vocabulário do intérprete-tradutor: sinônimos, antônimos, linguagem formal, etc.

Hipertradução, ou seja:

Inserir “palavras” que o sinalizador não disse, fora do contexto.

Entender alguma coisa do texto e, por não entender tudo, acrescentar conteúdo por considerar que “deve ter mais”. Ex.: acontecia em 90% dos casos de tradução nas provas que fazemos na FENEIS/Paraná.

Hipotradução, ou seja:

Não-tradução de elementos suficientes do texto.

Omissão de verbos de ligação, explícitos ou não, fundamentais para o entendimento do texto. Ex.: o verbo que foi omitido do discurso de um surdo e causou sérios transtornos.

O que não é entendido e que é simplesmente ignorado, e não é traduzido. Ex.: A surda pedagoga que fez uma excelente palestra, os surdos aplaudiram vibrantemente e os ouvintes quase não reagiram.

Causada pela excessiva velocidade de alguns sinalizadores.

Percepção dos **hedges** na LIBRAS para a tradução correta, com as devidas intenções do sinalizador.

O que uma (boa) tradução deve contemplar

A tarefa do intérprete-tradutor inclui não somente a língua, mas a transmissão da linguagem, da cultura. É a sua **transposição ideológica**, a capacidade de incorporação do outro, do abandono circunstancial do próprio “eu” para evocação do(s) “outro(s)” narrados, atuando como um ator que **incorpora vários papéis** e se esquece de si mesmo como pessoa – é a **corporeidade vocal**.

Completamente imerso nesse **outro**, nessa (*inter*)ação comunicativa, o intérprete-tradutor tem o poder(ou não) de influenciar o objeto e o produto da sua tradução. Ele vê a língua-fonte, processa essa informação e necessita, *in loco*, fazer as escolhas lexicais, pragmáticas e semânticas, com **coerência e coesão** em ambas as línguas,

sem perder a **fidelidade** devida às informações/intenções da língua-fonte. É uma tarefa muito complexa, por exigir uma ampla formação em diferentes áreas por parte do tradutor.

É fundamental que entre o surdo e o seu tradutor haja um certo **vínculo, convivência**, para que possa haver não somente um conhecimento lingüístico, mas, acima de tudo, uma **relação de confiança mútua** durante esse processo.

A boa tradução, basicamente, consiste em três atos:

A (BOA) INTERPRETAÇÃO ENVOLVE (É)

Gráfico 2



Uma vez que a boa tradução deve reproduzir não somente significantes mas, acima de tudo, **significados, lendo entre os sinais, a comunicação intercultural**, deve reproduzir as **idéias/sentidos** e deve manter o **style** do orador. Nesse processo, o intérprete-tradutor deve observar ao menos 5 regras:

- O** que eu estou traduzindo, se estou entendendo.
- Como** eu estou traduzindo, se estou me fazendo entender.
- Para quem** eu estou traduzindo, meu público-alvo.
- O** que o outro está entendendo, qual a mensagem que está chegando.
- E **como** o outro está entendendo, o que a mensagem está produzindo no outro.

Para isso acontecer, o intérprete-tradutor necessita de ter uma variedade de estratégias na responsabilidade de passar a mensagem do outro com significado e clareza. Em qualquer uma das estratégias que utilizará, é fundamental que suas decisões tenham como ponto de partida a **compreensão real da fonte** da mensagem e de quais mudanças precisam ocorrer para que essa mensagem alcance clareza. Para isso, citarei a seguir alguns princípios/estratégias.

A **escolha conceitual** para um ou mais sinais – a escolha da tradução como um *retrato* (mais que um trato desta) *dos significados*, das equivalências de uma língua na outra e não somente da forma desse sinal. Traduzir muito mais as *intenções* do que as palavras. É a habilidade de organização processual de não somente reconhecer a intenção semântica, mas também determinar a equivalência semântica da língua-fonte na língua-alvo. Ex.: buffet e parentes em LIBRAS.

A **clarificação** de conceitos e/ou palavras da LIBRAS para a língua portuguesa.Ex.: bater na mão (voz passiva) seguido de uma dêixis anafórica. Tradução: “foi ele quem começou a discussão”.

A busca pela **coesão e coerência textual** na tradução para a língua portuguesa, acrescentando na fala todos os conectivos, verbos de ligação, de concordância de sujeito, quantificadores etc., muitas vezes não explícitos na LIBRAS.

O entendimento do **contexto da narrativa** do sinalizador, a situação em si mesma.

A percepção do(s) **propósito(s)**, das intenções do discurso sinalizado, aonde o orador que chegar com a sua “fala”.

A percepção da **função** do discurso, se é para informar somente, divertir, persuadir etc, influenciará bastante no estilo específico de tradução.

O(s) **registro(s) lingüístico(s)** do orador, ou seja, o grau de formalidade existente no discurso: oratório, formal, coloquial, coloquial tenso, coloquial distenso, informal, familiar etc. São as entonações faciais, corporais, manuais etc. as estratégias do sinalizador para manter (ou não) as distâncias sociais;

A(s) **entonação(ões)** do discurso, as emoções, tonalidades que podem estar dentro de uma única sentença, que poderão ser reconhecidas pela audiência por meio do volume de voz, da qualidade dessa voz, de fenômenos paralingüísticos (onomatopéias etc.) e outros recursos utilizados pelo tradutor. Ex.: [PEDRO] [CASA] [IR] com três diferentes entonações interrogativas.

A **audiência** que está recebendo a narrativa, a força do contexto onde a narrativa está chegando. Que impacto minha tradução produzirá? Quem é meu público? Quais são seus valores? Sua cultura? Sua linguagem? Tudo isso influenciará na escolha lexical correta, no “melhor sinônimo para cada contexto específico”, não se esquecendo de manter-se fiel ao conteúdo do sinalizador, seu *style*, idade etc.

Capacidades **metanotativas** da audiência, ou seja, quando a platéia está ouvindo uma fala, ela não faz somente julgamentos sobre *o que* está sendo dito mas, simultaneamente, sobre *quem* está falando (o sinalizador e/ou o tradutor). São os conteúdos *não pronunciados ou mal pronunciados* (com erros na tradução de significados e até mesmo de português, como omissão de “s” nas palavras no plural, falar “pobrema” etc.) que influenciarão a audiência, principalmente na sua visão sobre o sinalizador.

A tradução deve ser feita no **discurso direto**, o que possibilita uma maior fidelidade ao orador. No discurso indireto (terceira pessoa), o intérprete-tradutor passa a exercer a função de narrador, o que trará muita confusão de caráter anafórico, textual, pronominal etc, como se o intérprete estivesse “contando” o que está sendo sinalizado sem corporificar, sem se colocar como o próprio orador. A tradução indireta poderá acontecer quando o sinalizador marcar outros referentes no espaço.

O **contato visual** do tradutor com o sinalizador durante o discurso é fundamental não só para o estabelecimento de vínculo e cumplicidade entre ambos, mas também porque, ainda que o tradutor tenha uma cópia do texto do sinalizador, esse tem a liberdade de mudar seus pensamentos, acrescentar idéias e até mesmo alterar a ordem do discurso – ações que não foram planejadas.

A escolha do **estilo de tradução**, além de estar vinculada ao registro lingüístico do sinalizador, deve levar em conta o nível cognitivo, social, idade, sexo etc. do sinalizador.

A **comunicação não-verbal do tradutor** deve ser controlada, ou seja: expressões de ansiedade, preocupação, desaprovação etc. Isso poderá causar ao sinalizador um grande desconforto e, seguramente, interferências na sua narrativa.

O **poder da voz** do tradutor é um grande desafio para os tradutores, ou seja, transformar essa eloqüente linguagem visual em uma voz expressiva, bem projetada, articulada. Também, em situações de teatro ou cômicas, trabalhar a voz de acordo com a proposta do sinalizador, *“deixar a minha voz em casa para incorporar a voz desse outro”*.

A importância do *Lag-Time* na tradução

É fundamental para o intérprete-tradutor o uso do **lag-time**, esse “tempo de escutar” que se usa como *“tempo de mirada”*, para que se faça uma boa tradução consecutiva.

Por que o *lag-time* é fundamental?

Permite que o palestrante comece o seu discurso e o intérprete inicie a sua tradução com um **tempo médio de 10 segundos** de atraso, para organizar as idéias e evitar a tradução simultânea;

Auxilia para que **não ocorra** a omissão de conteúdos do discurso por falta de entendimento ou tempo de leitura – a **hipointerpretação**.

Evita a substituição de **termos errados**, descontextualizados.

Permite a **adaptação da língua-fonte para a língua-alvo**, sem a omissão das metáforas, poesia, prosódia etc.

Importante: se, por força das circunstâncias, o *lag-time* ficar muito longo (quando um surdo estiver descrevendo taticamente algum objeto grande), o **silêncio demorado** do tradutor poderá tirar um pouco da qualidade da tradução e isso incomodará os ouvintes que não estiverem entendendo nada. Uma sugestão, como sinal de que estamos em sintonia com o discurso, é valer-se de produções sonoras como: *“huuummm”*, *“haa”* etc., o mesmo que fazemos quando estamos falando no telefone.

Sugestões práticas no momento da tradução

O tradutor deve estar **descansado** – se possível, deve-se **trocar a cada 30 minutos** de tradutor (*“relay”* – revezamento de intérpretes durante a tradução) –, bem como ter um bom controle da respiração.

O tradutor deve estar sentado em uma **cadeira sem braços**, confortável, com assento deslizante para que facilite a sua movimentação corporal (se preciso for).

O tradutor deve sentar-se com a **postura correta** da coluna, em posição de alerta, colocando seu peso no meio da cadeira, evitando ficar recostado.

Preferencialmente, o tradutor **não deve ter pessoas ao seu lado**, somente outro intérprete como apoio.

Se, durante o discurso, o próprio tradutor for mencionado no discurso, ele deve **citar o seu próprio nome** e não “eu”.

A tradução para outra língua que não seja o português deve, de preferência, ser feita diretamente da língua de sinais, sem a mediação de terceiros, ou com o sistema de *headset*. (Ex.: minhas vivências com tradução de LIBRAS para inglês/francês/espanhol).

Nunca corrija o sinalizador nem a informação que está sendo passada, isso tirará o respeito do público pelo narrador, além de ser falta de ética.

Não critique o sinalizador como desculpa para uma má tradução. Pondere se o trabalho for difícil e tome esse obstáculo como mais um desafio a ser atingido.

Preferencialmente, **a tradução** deveria ser **feita um a um** para evitar a monotonia e extremo cansaço na tradução. Também, se for possível, que homem traduza homem, mulher, mulher, e assim por diante.

Adapte os crassos para não agredir culturas e/ou a audiência. Ex.: a vida “dissoluta”.

Disponha de **água para beber** e lubrificar as cordas vocais;

Elimine **ruídos de comunicação**, tais como tosses, repetições desnecessárias, espirros etc.

Adapte poesias, músicas e outras situações que não encontrem os mesmos elementos semânticos de uma língua na outra.

Traduza somente **o que entendeu**, seja honesto e, se possível, peça que repitam quando você não entender.

Tenha extrema atenção nos **tipos de processo anafórico** para não traduzir personagens erroneamente. Às vezes, o sinalizador utiliza, ao mesmo tempo, o processo anafórico *shifting*, *role-play* ou proforma, porém referindo-se aos mesmos personagens de uma mesma história.

Reconheça e adapte **dialetos diatópicos e diastráticos**.

Ética e etiqueta na tradução

Tudo o que for sinalizado na presença do intérprete e de um ouvinte “não-sinalizador” correrá o risco de precisar ser traduzido. Portanto, é fundamental estar de acordo com o sinalizador sobre essa questão e sua postura diante dessa situação. O surdo precisará entender que nesse *setting* específico sua sinalização privada poderá se tornar pública (até mesmo por solicitação, legal, ou não, do não-sinalizador), uma vez que a outra pessoa terá, por direito ético, o acesso ao que o surdo está sinalizando.

Antes de começar a tradução, em algumas situações, é importante que você explique a sua imparcial função de intérprete-tradutor ou vice-versa. Deve-se deixar isso claro, para que não haja constrangimentos de que você traduzirá e interpretará tudo. Ex.: as situações médicas nas bancas da FENEIS/Paraná.

O intérprete deverá também esclarecer que, preferencialmente, todas as perguntas sejam dirigidas diretamente ao surdo e que seu ponto de vista particular sobre qualquer assunto não está em questão nesse momento.

É muito importante que o intérprete-tradutor mantenha o seu *low-profile* com relação às suas emoções/expressões pessoais durante o momento do seu trabalho. As reações de surpresa, desgosto, decepção, dúvida, condenação etc. devem ser evitadas,

por interferirem seriamente no discurso do sinalizador, que está, quase sempre, de olhos fixos nos olhos do tradutor.

Ainda que a tradução seja na primeira pessoa, seus sentimentos e valores pessoais não podem interferir: *o tradutor é a corporeidade do outro*.

Os princípios de polidez

Como os ouvintes na sua língua oral, os surdos também se valem de estratégias de adequação à situação de uso da linguagem.

De acordo com Brown e Levinson: “a descoberta dos princípios de uso da linguagem pode coincidir, enormemente, com a descoberta dos princípios segundo os quais as relações sociais, em seu aspecto interacional, são construídas: dimensões que se valem os indivíduos para se relacionarem com os outros de maneira particular”.

Para demonstrar isso de forma pragmática, podemos recorrer aos estudos de Brito (1995) sobre os Atos da Fala: o pedido e as estratégias de polidez em Libras, citando Brown e Levinson (1978) e Goody (1978). Brown e Levinson propuseram três parâmetros no uso dessas estratégias formais e/ou informais, a saber:

Distância Social Simétrica: a classe social a que pertencem, bem como os bens materiais e não materiais que possuem.

Relação Assimétrica de Poder: professores *versus* alunos, chefe *versus* trabalhadores, pais *versus* alunos.

Escala de Imposições Absolutas ou o Custo do Pedido: valor requisitado pelo tempo ou pela consumação do ato.

Goody ainda cita um quarto parâmetro que seria a **Intimidade ou Familiaridade**, uma variável importante no uso dessas estratégias. Segundo ele, “o significado manipulado e o ego (“EU”) a ser apresentado são produtos sociais”.

Essas estratégias de comunicação são fenômenos que mostram esta relação entre situações, contextos, intenções e significados, bem como entre regras de linguagem e sociais. Elas determinam o uso da linguagem do tipo formal, informal (idiosincrasias, gírias, dialetos, idioletos, linguagem crassa etc.) e outras que serão utilizadas.

É importante, segundo Austin (1962), entender que essas estratégias de comunicação visam não somente comunicar um significado referencial, mas também influenciar efetivamente o público-alvo de alguma forma.

O contexto vai impor ao usuário da LIBRAS quais tipos de estratégias de polidez ele usará. É fundamental, então, que o intérprete-tradutor tenha sensibilidade e muita convivência com os surdos, para poder perceber essas estratégias de polidez e traduzi-las corretamente.

Essas estratégias normalmente se dão por meio da duração do sinal, inclinação corporal e expressões faciais.

A formação do Intérprete-Tradutor

O intérprete-tradutor tem a difícil tarefa de passar para a expressão verbal o melhor arranjo e versão que puder. Está na total limitação semântica na área do conteúdo e significados. Ele opera sob condições de *stress* considerável, inerentes às situações de tradução oficial, e tem muitas prioridades que precisam ser observadas. O intérprete-tradutor não pode perder a linha textual e deve ter uma memória lexical imediata para transmitir os conteúdos do sinalizador.

Sua transmissão deve ser fiel ao conteúdo do sinalizador, apesar de ter de fazer, na hora, decisões lexicais e sintáticas com coesão e coerência.

Em vista de tudo o que vimos neste artigo no que se refere ao que significa uma boa tradução, sabemos que o intérprete-tradutor precisa buscar formação e informação em algumas áreas fundamentais, o que auxiliará incomensuravelmente no seu trabalho.

Assim sendo, boa tradução exige basicamente três ações:

SABER – domínio dos conteúdos necessários a uma boa tradução

SABER FAZER – domínio das estratégias e técnicas que a boa tradução requer

SABER FAZER BEM – domínio ético, cultural, político do que envolve uma boa tradução

A Percepção Crítica para Nortear a sua Práxis: o Saber Ser para Saber Fazer Bem

O autor Roberts (citação de QUADROS, 1992) apresenta as **competências do tradutor-intérprete**, quais sejam:

Competência lingüística, ou seja, a capacidade de entender os objetivos da linguagem e levar o tradutor a usar de forma correta as línguas envolvidas.

Competência para transferência, para compreender o significado do discurso e traduzi-lo com estilo coerente ao contexto, sem omitir, adicionar ou distorcer a narrativa.

Competência metodológica, para, coerente ao contexto, usar de diferentes formas de tradução, utilizando terminologias e itens lexicais adequados.

Competência na área, para compreender o conteúdo da narrativa; competência específica da especialidade.

Competência bicultural, para entender valores, crenças, comportamentos etc. das línguas envolvidas.

Competência técnica, para ter o domínio dos quesitos práticos durante a interpretação: tom e qualidade da voz, uso de microfones, posição corporal, localização, estado de saúde e emocional, apoio de outro intérprete (ou não), acuidade visual, entonações, respiração, cuidados com a voz etc.

Por fim, na sua *missão* do SABER FAZER BEM, o intérprete-tradutor deveria desenvolver estudos e pesquisas em:

Semiótica/semiologia – para estudar os fenômenos culturais considerados sistemas de significação, práticas sociais etc.

Habilidades de *concentração e memorização*;

Conhecimento diversificado nas mais distintas áreas, **ampliando** sua própria *cosmovisão* .

Estudos na área da **estilística**, por ser esta a função expressiva da língua no uso dos processos fônicos (no caso da LIBRAS, quirológicos), sintáticos e de criação de significados que individualizam os estilos.

Sociolingüística, para estudar as variações lingüísticas, geográficas, sociais e estilísticas.

Lingüística Textual e Análise do Discurso, para compreender os mecanismos internos e externos do texto e do discurso, que determinam a forma destes e analisam as relações entre as frases e os textos.

Semântica, para compreender o significado das palavras e da sentença, descobrindo as propriedades desses significados nos diferentes níveis de expressão.

Pragmática, para entender o uso da linguagem em contexto e os princípios de comunicação, desvendando as estratégias, as formas, as intuições e as estruturas que são acionadas pelos usuários das línguas.

Arte da oratória e impostação de voz, para aprender como desenvolver a eloqüência de falar em público.

Referências Bibliográficas

- ARRIENS, M. A. **Oficina 3** – apostila. Produtora de Vídeo e Literatura para Surdos. Curitiba, 2005.
- BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou Lógica?** a produção lingüística do surdo. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.
- BOTELHO, P. **Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos** –ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BOTELHO, P. **Segredos e Silêncios na Educação dos Surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- BRITO, L. F. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.
- COLECCIÓN REHABILITACIÓN. **Simpósio Internacional sobre Eliminación de barreras de comunicación** –Ministerio de Asuntos Sociales/Instituto Nacional de Servicios Sociales. Madrid: EGRAF, S.A., 1994.
- Congresso: **Comunidade Surda e Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo, 2003.
- ERTING, C. J.; JOHNSON, R. C.; SMITH, D. L.; SNIDER, D. B. **The Deaf Way**: perspectives from the International Conference on Deaf Culture. Washington DC: Gallaudet University Press, 1994.
- FINAU, R. A. **Os Sinais de Tempo e Aspecto na Libras**. Tese apresentada como requisito à obtenção do grau de Doutora em Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, na Área de Estudos Lingüísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2004.

FRISHBERG, N. **Interpreting**: an introduction. Revised Edition, 1990. EUA: RID Publications , 1994.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Journal of Interpretation. EUA: Registry of Interpreters for the Deaf, 1997.

Mc INTIRE, M. **Interpreting**: the art of cross cultural mediation. EUA: RID Publications, 1985.

McINTIRE, M. **Journal of Interpretation**. EUA: RID Publications, 1986.

MILES, D. **British Sign Language**: a beginner's guide. Foreword by HRH. the Prince of Wales. Londres: BBC BOOKS, 1988.

NATIONAL CENTER ON DEAFNESS. **Communicating With Deaf People**: an introduction. EUA: Gallaudet University , 1999.

PLANT-MOELLER, J. Expanding Horizons. **Proceedings of the Twelfth National Convention of the Registry of Interpreters for the Deaf**. EUA: RID Publications, 1991.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC, SEESP, 2002.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOLOW, S. N. **Sign Language Interpreting**: a basic resource book. EUA: National Association of the Deaf, 1993.

Views: A monthly publication on the registry of interpreters for the deaf. Vol. 15, Issue 6, June 1998.

Views: A monthly publication on the registry of interpreters for the deaf. Vol. 18, Issue 8, Aug./Sep. 2001.

Views: A monthly publication on the registry of interpreters for the deaf. Vol 18, Issue 3, March 2001.

Views: A monthly publication on the registry of interpreters for the deaf. Vol 16, Issue 2, February 1999.

Views: A monthly publication on the registry of interpreters for the deaf. Vol. 15, Issue 10, November 1998.

Views: A monthly publication on the registry of interpreters for the deaf. Vol. 15, Issue 8, Aug./Sep. 1998.

WATSON, D. Ph.D. **Journal of Interpretation**. EUA: RID Publications, 1999.

WINSTON, E. **Transliteration**: What's the Message? I. C. Lucas (Ed.). The Sociolinguistic of the Deaf Community. San Diego, Califórnia: Academic Press, Inc.1989.